

277

A PAISAGEM COMO CONCEITO ANTROPOLÓGICO: NOTAS METODOLÓGICAS SOBRE MOVER-SE POR HORIZONTES E SOBRE HORIZONTES QUE SE MOVEM. Marden Müller, Carlos Alberto Steil (orient.) (UFRGS).

Apresento uma pequena contribuição teórico-metodológica para uma antropologia fenomenológica na qual a paisagem desempenhe papel relevante. Volto-me, particularmente, para o desenvolvimento das pesquisas de campo associadas ao projeto 'O cuidado-de-si nas paisagens da ecologia e do sagrado'. Para esse fim, procedo à revisão de literatura, cercando o conceito de paisagem em Ingold (2000), e examinando os aspectos de perspectiva habitante (*dwelling perspective*) e de pertença cultural entendida como crescimento em um determinado ambiente. O objetivo é compreender em que consiste uma concepção da paisagem como solo da cultura. Constatado, por um lado, que esse aporte teórico articula univocamente os desenvolvimentos orgânico e psicosocial, uma vez que 'crescer em um ambiente' equivalerá a adquirir um conjunto de habilidades sensório-motoras, práticas e conceituais, vinculando um habitante não menos a um mundo de relações sociais humanas do que a uma realidade ecológica complexa de interações com o ambiente não-humano. Uma consequência disso é a perda de interesse no tratamento de fenômenos culturais extrinsecamente a uma realidade natural. Por outro lado, a idéia mesma de cultura como desenvolvimento em um certo ambiente coloca dificuldades para a abordagem etnográfica de campos nos quais os informantes procuram deslocar-se de um contexto de práticas com vistas à criação de um novo contexto, propício a novas práticas e uma nova sensibilidade. A partir da observação etnográfica feita em um centro budista, próximo da paisagem ingoldiana algumas explorações – feitas por Crapanzano (2004) – da dinâmica de movimentações operadas por e sobre horizontes imaginativos.